



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

**MARIA CONCEIÇÃO DE SANTANA**

**A PINTURA SACRA NO SÉCULO XIX: ESTUDO DAS TELAS DA IGREJA MATRIZ DE  
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA - BA**

Cachoeira - BA  
2013

**MARIA CONCEIÇÃO DE SANTANA**

**A PINTURA SACRA NO SÉCULO XIX: ESTUDO DAS TELAS DA IGREJA MATRIZ DE  
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA - BA**

Monografia ao Curso de Graduação em  
Museologia, Universidade Federal do Recôncavo  
da Bahia, como requisito para obtenção do grau  
de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Cristina Ferreira Santos de  
Souza.

Cachoeira – Ba

2013

## MARIA CONCEIÇÃO DE SANTANA

### A PINTURA SACRA NO SÉCULO XIX: ESTUDO DAS TELAS DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA - BA

Monografia apresentada à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

#### Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Cristina Ferreira Santos Souza – Orientadora  
Bacharel em Museologia – UFBA  
Mestra em História – UFB A

---

Ana Paula Soares Pacheco  
Mestra em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense.  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

Isaac Tito Santos Filho  
Graduado em História pela Universidade Federal da Bahia.  
Colégio Estadual da Cachoeira

“A iconografia cristã transcreve para a imagem a mensagem evangélica que a Escritura Sagrada transmite pela palavra. Imagem e palavras se esclarecem mutuamente”.  
*Catecismo da Igreja Católica, nº 1160*

## **AGRADECIMENTOS**

A nosso Deus em primeiro lugar. Por tudo que passei durante a vida acadêmica, pois de Ti Senhor sei que vieram as melhores escolhas, começando pelo Curso de Museologia e seguindo com as mais sublimes amizades que construí na cumplicidade com aqueles que muito amo, meu melhor amigo Adeilson Pugas, Aline Gomes e Padre Cid José da Cruz, verdadeiros presentes que Deus colocou em minha vida, amigos para sempre os quais no decorrer do curso formamos o “quarteto da Igreja”, por estarmos sempre unidos nos estudos e na fé da igreja católica.

Obrigada Senhor, pela existência de meus pais Paulo Romário de Santana e minha doce mãe Antônia Matos de Santana sempre abençoando minha vida e entendendo coisas que só mãe consegue compreender.

Aos meus irmãos Paulo Roberto e Rita de Cássia, agradeço os sorrisos de incentivo.

Ao Padre Hélio Cezar Leal Vilas-Boas, que nem sabe, mas foi o enviado de Deus que me ajudou na decisão de prestar vestibular na UFRB.

As amáveis irmãs Milhazes: Maria Luiza, Anna Sylvia e Helena Maria, obrigada pela amizade, acolhimento e orações na vida acadêmica e sempre.

A Enf.<sup>a</sup> Taise da Paixão Amaral, agradeço a grande compreensão nos meus horários de trabalho.

Aos pais do meu melhor amigo, Antônio Pugas e Olga Maria Pugas, obrigada pelo amigo que me deste e por serem pessoas especiais em minha vida.

A todos os Mestres da UFRB em especial a minha orientadora Cristina Ferreira, agradeço pelos ensinamentos, incentivo e dedicação.

A todos que não foram citados, mas no íntimo de minhas orações são iluminados por Deus, por fazerem parte de minhas conquistas na vida acadêmica e sempre.

Que Nossa Senhora da Conceição interceda por todos nós! Amém.

SANTANA, Maria Conceição de. *A pintura sacra no século XIX: Estudo das telas da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira- BA*. 64 f. il. 2013. Monografia (Graduação) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2013.

## RESUMO

O presente trabalho monográfico aborda um estudo sobre a pintura sacra com ênfase na coleção de telas do século XIX existente no acervo da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira. Uma instituição religiosa, localizada na Rua Ana Neri, com dados tipológicos da primeira metade do século XVIII, construção que foi iniciada em 1694, e concluída em 1754. Tombada pelo IPHAN sob o nº 120 do Livro de História, fl. 21 em 15/09/1939 e do Livro de Belas Artes, fl.47, em 15/09/1939.

A população de Cachoeira em sua diversidade religiosa apresenta uma sociedade que é formada por muitos cristãos católicos, os quais já visitaram os espaços sagrados para contemplar na pintura as cenas bíblicas na decoração das igrejas. Salientando então neste sentido a influência de artistas baianos que muito influenciaram na decoração dos templos religiosos em séculos passado, como o mestre José Joaquim da Rocha, fundador da Escola Baiana de Pintura e seu discípulo José Teófilo de Jesus.

Portanto, na área da museologia, compreendemos que a documentação é um requisito essencial que garante a existência do objeto. Deste modo iremos reunir informações, transpondo em palavras e imagens a existência da coleção de telas do século XIX, localizadas no acervo da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.

**Palavras- Chave:** Igreja Matriz de Cachoeira; Pintura sacra; Documentação museologica.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. CONTEXTO HISTÓRICO.....</b>	<b>8</b>
1.1 A cidade de Cachoeira.....	8
1.2 A ermida Igreja Matriz.....	10
1.3 Coleções de arte sacra em igrejas.....	12
<b>2. TEMÁTICA RELIGIOSA NAS PINTURAS.....</b>	<b>17</b>
2.1 Arte Sacra e Arte Religiosa.....	17
2.2 Iconografia Cristã.....	18
2.3 O artista e a pintura sacra no século XIX.....	19
2.4 O conjunto de telas da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário.....	26
<b>3. DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA.....</b>	<b>29</b>
3.1 Conceitos.....	29
3.2 Estudo iconográfico.....	31
3.3 Apresentação da ficha de registro.....	33
3.4 Documentação das telas.....	35
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo criar, através dos procedimentos de documentação museológica, mecanismos de uma relação com o patrimônio cultural religioso e, conseqüentemente, fomentar a preservação deste legado. Para tanto salientamos que neste sentido buscaremos analisar a coleção de doze telas existente na sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira. Buscaremos evidenciar também, alguns pintores baianos que contribuíram na difusão da arte sacra presente em nossas igrejas.

Nossa sociedade é rica em artefatos que ligam o passado ao presente e estes são testemunhos de nossa cultura e fornecem informações referentes à criação artística do homem no passado para melhor análise e compreensão do presente na perspectiva do futuro. O tempo tem a capacidade de transformar a estrutura física das obras de arte e ao analisamos sua composição, identificamos pontos que têm a capacidade de transmitir mensagem, que retrata uma época da sociedade. Na perspectiva do campo museológico faz-se necessário valorizar nestes objetos sua resistência ao tempo, seu estado de conservação e seu valor de patrimônio material que dá suporte ao imaterial.

Este trabalho aborda no campo da museologia a documentação museológica de doze telas expostas na sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira, uma coleção que documentada será um importante subsidio para possibilitar o acesso ao conhecimento direcionado às informações dos bens culturais e isto será fundamentado no registro dos objetos e seu estado de conservação. Com a documentação iremos valorizar por meio da coleta de dados às informações direcionadas a cada peça pertencente a esta coleção. O preenchimento das fichas de registro será essencial para que encontre neste suporte de informações a possibilidade de adquirir novos conhecimentos e assim colaborar com a preservação dos objetos religiosos. Desta forma a documentação das telas selecionadas tem como principal objetivo despertar na comunidade cachoeirana o interesse em conhecer este acervo e, por conseguinte preservar tanto o patrimônio histórico artístico quanto o cultural que está presente na referida Igreja que fazem parte da sociedade cachoeirana e retratam na temática religiosa a representatividade de passagens bíblicas.

Portanto, é interessante salientar que a documentação museológica que iremos realizar com a coleção de telas do acervo localizado na sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira, nos direciona ao registro fotográfico e descritivo desta coleção, com o intuito de possibilitar o acesso às informações dos bens culturais, para que possamos aquilatar sua existência.



## 1. CONTEXTO HISTÓRICO

### 1.1 A cidade de Cachoeira

Cachoeira foi fundada como Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, por duas famílias portuguesas, as famílias Dias Adorno e Rodrigues Martins. Esta região era, portanto, habitada por índios maracás. Foi desbravada em meados do século XVI, mas o povoado, nascido em torno de um engenho de açúcar, só começou a crescer no século seguinte. Estabelecida nos limites de navegação do Rio Paraguaçu, tinha uma posição favorável para desenvolver as atividades comerciais da época, por conseguinte localização na fronteira entre duas regiões que se complementava economicamente, o Recôncavo e o Sertão. Teve o seu apogeu econômico nos séculos XVIII e XIX, quando seu porto era utilizado para exportação de açúcar e fumo para a Europa.

No ano de 1559, Mem de Sá expulsou os índios que habitavam a região e isto deu espaço para a colonização, então Rodrigues Martins instalou o primeiro engenho de açúcar na margem esquerda do Rio Paraguaçu, e nestas áreas a cidade iria se desenvolver.

Em torno do ano de 1595, Álvaro Rodrigues Adorno instalou-se no sítio da cidade e conseguiu fazer amizade com os índios, porém estes atacavam as povoações da vizinhança gerando assim pouco incentivo ao desenvolvimento da região. Enviaram então o Capitão-Mor Gaspar Rodrigues Adorno para dominar os silvícolas da região. Naquele tempo as pessoas recebiam recompensadas com aquisição de terras e o Capitão-Mor foi assim recompensado, com quatro léguas de terras nas extensões riacho Pitanga e Caquende. No ano de 1654 seu filho João Rodrigues Adorno decidiu estabelecer-se no local. Em 18/02/1674 fundou a Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e esta no início do século XIX, era uma vila agradável e populosa.

Segundo consta no livro de inventário de proteção do acervo cultural da Bahia (1982) a sua elevação a categoria de cidade se deu por Resolução Provincial de n-º 44, datada de 13 de março de 1837. Sendo uma cidade oriunda de um engenho de açúcar, atividade que criou a base de sua economia naquela época,

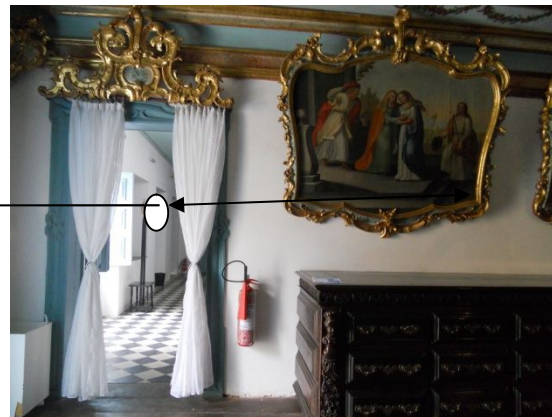
“Nascida (...) às margens do Rio Paraguaçu, na época da colonização e do ciclo da cana, a cidade de Cachoeira distante cerca de 110Km de Salvador, guarda fundamental traços da história, o que pode ser verificado a todo instante ao se percorrer suas ladeiras, ruas e beco a calçados em pedra e admirar os velhos casarões. Suas belíssimas igrejas e capelas, constituídas naquele tempo colonial, testemunham a inspirada arquitetura em que a região tinha importante significado econômico.” (QUEIROZ; SOUZA (Coord), 2009. p.38)

Cabe-nos ressaltar que devido à proximidade com o Paraguaçu, Cachoeira sofreu muito com as freqüentes enchentes nos anos de 1739, 1761, 1775, 1782, 1792 e 1793. A enchente de 1960 atingiu parcialmente a coleção de telas expostas na sacristia da Igreja Matriz e este acontecimento é comprovado, mediante registro em pedra mármore fixada na parede deste templo, com datação de 8 de março de 1960. Sendo que a enchente mais recente aconteceu no ano de 1986. Muitos cachoeiranos são testemunhas oculares deste acontecimento nos anos 60 e 80. A população estava confiante na existência da Barragem Pedra do Cavalo e não esperavam que as águas do Paraguaçu atingissem suas residências, por consequência desta enchente, antigos casarões entraram em degradações e muitos estão em ruínas até os dias atuais. Muitos documentos de referência histórica foram perdidos nas instituições, que ficaram parcialmente imersas nas águas do Rio Paraguaçu.



Pedra de mármore fixada na parede.

Fonte: Autora, 2013.



Sacristia da Igreja Matriz.

Fonte: Autora, 2013.

Cachoeira lutou muito em favor da independência do nosso país e teve sua história diretamente ligada à Independência do Brasil, e como reconhecimento heróico recebeu o título de Cidade Heróica. Segundo SANTOS (2010) a cidade de Cachoeira foi sede do Governo da Província da Bahia duas vezes primeiro no ano de 1822, no decorrer das lutas pela Independência e durante a Sabinada em 1837.

Atualmente, a Heróica cidade de Cachoeira é sede do Governo do Estado por um dia em 25 de junho, data magna da cidade onde a igreja católica recorda e canta o Te Deu “A Deus Louvamos”.



Cidade de Cachoeira-BA

Fonte: Autora, 2013.

Assim, reconhecida como Cidade Heróica, Cachoeira é um município muito importante do Recôncavo Baiano e constitui um respeitável roteiro turístico e cultural da Bahia. Evidência em seu segmento católico notável, igrejas que na sua maioria são dedicadas a títulos de Nossa Senhora como Padroeira.

## 1.2 A ermida Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário



Igreja D'Ajuda Cachoeira-BA.

Fonte: Autora, 2013.

A Matriz de Cachoeira teve sua construção pelo católico Paulo Dias Adorno, que resolveu edificar uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Rosário na cidade de Cachoeira. Hoje conhecida como Capela D’Ajuda após construção da nova Igreja Matriz. O autor Carlos Ott ressalta em sua obra a ermida Igreja Matriz.

“A Matriz de Cachoeira foi a capela da Ajuda da mesma cidade ainda existente e restaurada na sua forma primitiva, construída segundo uma data nela registrada, em 1687. Mas, em vista de ficar situada numa colina, cujo acesso é exaustivo para pessoas idosas e doentes, resolveram os paroquianos construir nova Matriz, erguida em terreno plano e que comportaria a população, cada vez mais crescente da Vila.” (OTT. 1978, p.6).

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, situada nas mediações planas da cidade está localizada na Rua Ana Nery, s/n centro, e faz parte do Centro Histórico de Cachoeira com dados tipológicos da primeira metade do século XVIII. Teve sua construção iniciada em 1694 e concluída em 1754. Na atualidade, o templo está tombado pelo IPHAN sob o nº 120 do Livro de História, fl. 21 em 15/09/1939 e do Livro de Belas Artes, fl.47, em 15/09/1939.



Igreja Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira-BA.

Fonte: Autora, 2013.

Segundo o autor Carlos Ott, o terreno da igreja foi doação de João Rodrigues Adorno, o fundador da vila de Cachoeira, sendo este um grande latifundiário da época que fez também doações de valores para edificação do templo religioso. Mas existiu também a doação de D. João V no ano de 1747, este “doou aos paroquianos de Cachoeira a quantia de oito mil cruzados, para a construção da capela-mór e da sacristia da sua nova Matriz.” (OTT. 1978 p.6).

Segundo Ott (1978, p.10), as obras do frontispício, frontão e parte superior das torres foram finalizadas em 1790, por conseguinte data inscrita no sino mais antigo data de 1793, esta informação sempre é levada em conta como valor de grandeza histórica para o templo religioso. Os demais sinos, o maior e meião foram fundidos na oficina de José Antonio Pereira no ano de 1830.

Importante lembrar que, além da sua grande estrutura e forma renascentista, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, possui várias obras artísticas de elevado valor arquitetônico, esculturais e pictórica. No interior da igreja Matriz de Cachoeira encontramos belíssimos painéis de azulejos de 4 a 5 metros de altura com pinturas que retratam passagens bíblicas, forro da nave central com pinturas ilusionista, madeira entalhada nos altares colaterais e altar-mor, acervos móveis e integrados no interior da sacristia e pinturas de medalhões no forro. Vale ressaltar que o edifício é um monumento histórico, com planta retangular recoberta por telhados de duas e meia águas. O acervo ostenta numerosas imagens, muitas alfaias, um sacrário de prata, coleções de telas retratando cenas bíblicas, todas com molduras de madeira entalhadas com douramento, dentre outros objetos.

Dentre este acervo destacamos o nosso objeto de estudo, as telas que compõem a coleção de doze quadros expostos na sacristia com pinturas do século XIX. Esta coleção de telas é registrada<sup>1</sup> pelo Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, e fazem parte do Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira, sendo que o responsável que salvaguarda este acervo é o Padre Hélio Cezar Leal Vilas-Boas.

### **1.3 Coleções de pintura sacra em igrejas**

As coleções de pinturas sacras é uma memória presente em nossas igrejas, que salvaguardam obras de arte em seu interior, as pinturas são presença marcante nos forros das naves das igrejas, afrescos, telas e azulejos. Na Bahia, em algumas igrejas dos séculos passadas, salientamos a presença marcante do mestre José Joaquim da Rocha. Este muito

---

<sup>1</sup> Ministério da Cultura IBPC 7ª Coordenação Regional-BA. Registro em fevereiro de 1994.

influenciou outros pintores nesta época, dentre estes pintores podemos destacar José Teófilo de Jesus, seu discípulo.

Nas igrejas baianas a presença de pinturas do mestre José Joaquim da Rocha e seus seguidores podem ser conferidas como referência ao artista, na coleção de telas da Igreja do Senhor do Bonfim em Salvador-Ba.

No Recôncavo Baiano, destacamos a Igreja Matriz de Cachoeira que chama atenção pela presença de uma coleção de doze quadros, pintura óleo sobre tela, apresentando ao espectador as representações de cenas bíblicas, com molduras de madeira entalhada e policromada com douramento, uma perfeita sintonia com o sagrado que nos leva a declarar sua finalidade intencional de fornecer por meio de ilustrações as representações das verdades nas sagradas escrituras, certamente com o intuito de catequizar o povo de Deus. Porém a autoria desta coleção é desconhecida, mas suas características nos remetem aos seguidores de José Teófilo de Jesus.

Segundo Marieta Alves, estes artistas de pintura dos templos religiosos da fé baiana “eram bem pouco ciosos da perpetuação de seus nomes – aqueles homens iluminados que não viveram da arte, tão mal remunerada então, mas para a arte, para o belo, para o sonho!”

Quanto à datação dos quadros existente na sacristia da Igreja Matriz de Cachoeira, o autor Carlos Ott descreve que:

“Fixar a data da pintura do teto da nave como dos quadros da sacristia, é extremamente difícil; não resta dúvida, entretanto, que ambos os generos são posteriores a 1800, pois o primeiro mostra a influência de discípulos de José Joaquim da Rocha, ao passo que nos painéis das paredes da sacristia deparamos com evidência do estilo de José Teófilo de Jesus, bastante desenvolvido, distintos de seus painéis, existentes nas igrejas do Pilar e na do Bonfim, Da Capital baiana, nos quais, a influência de José Joaquim da Rocha, as vezes, é tão manifesta que quase não distiguimos os dois painéis; tal não ocorre, todavia, quanto aos painéis da Sacristia da Matriz de Cachoeira.” (OTT. 1978, p.10).

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira, estabelece visivelmente uma relação com os museus. Inclusive como pontuamos anteriormente em 1970, foi fundado o Museu das Alfaias cujo espaço de funcionamento era a sacristia deste templo religioso, mas por falta de segurança ocorreu um roubo. Isto resultou no fechamento do museu e os acervos em ouro e prata foram recolhidos para local seguro, mas as coleções de obras de arte continuaram expostas nas paredes da sacristia, por fazerem parte da própria decoração deste espaço.OTT enfatiza a Igreja Matriz de Cachoeira pontuando que:

“Não conhecemos o arquiteto autor da decoração interior da Matriz de Cachoeira. O primeiro altar-mor daquela igreja, embora dourado em 1754, não é contudo o mesmo dos nossos dias. O altar da sacristia apresenta

características que indigita para 1790, aproximadamente, sua execução pois possui um frontal elegante mas na parte superior do retábulo, já desapareceram as colunas salmônicas e o movimento barroco, apresenta mais tranqüilidade neoclássica. Quanto às molduras da sacristia, também devem ter sido feitas naquele tempo, pois ainda evidenciam a movimentação do barroco, embora, no restante predomine a simetria (OTT, Carlos. 1978, p.13-14).

Buscando entender melhor a relação das igrejas com os museus lembramos que à existência dos museus em nosso país, no século XIX teve influência direta com a família real que contribuiu muito na origem dos mesmos, quando D. João VI, no ano de 1818 criou o Museu Real, atualmente Museu Nacional. Contudo analisamos que existe uma significativa relação entre os museus e as igrejas analisando que ambos no decorrer dos tempos conseguiram reunir muitas coleções de obras de arte.

Os museus baianos também são guardiões de coleções de pinturas com temática religiosas, os quais trazem em seus acervos coleções que faziam parte das decorações dos interiores das igrejas e estas entraram em ruínas ou lhes falta segurança no espaço. Deste modo, fazem-se necessário que as obras de arte sejam enviadas aos museus para salvaguardar sua existência.

Como citamos anteriormente, a fundação do Museu de Arte Sacra ocorreu no dia 7 de novembro de 1970 e foi um acontecimento histórico na sociedade cachoeirana. Mas, como surgiu este museu dentro do espaço religioso? Segundo Antônio Loureiro de Souza, a idéia do Museu das Alfaias se deve ao Governador do Estado que naquela época era “Luís Viana Filho e ao Padre Fernando de Almeida Carneiro, vigário da freguesia, graças a quem foi possível reunir uma série de trabalhos que, sem este cuidado, estariam desviados para outras partes.” Vale ressaltar que na inauguração festiva do museu estiveram presentes renomados representantes da cultura nacional, como alguns membros da Academia Brasileira de Letras.

Nossos objetos de estudo também faziam parte do acervo pertencente ao Museu das Alfaias, que funcionava nas dependências deste templo religioso, no espaço da sacristia. Vale ressaltar que o surgimento deste museu nas dependências do templo Religioso foi uma idealização do Monsenhor Fernando Almeida Carneiro, que na época era o pároco da cidade de Cachoeira.

Entre os vários museus baianos destacamos também a existência do Museu de Arte Sacra da UFBA com instalações no antigo Convento de Santa Tereza de Ávila na cidade de Salvador-Ba. Este em pleno funcionamento apresenta uma exposição de longa duração na pinacoteca de autoria do mestre José Joaquim da Rocha e seu discípulo dileto Teófilo de Jesus (1758-1847), o maior pintor na primeira metade do século XIX, sendo destacado na “Escola Baiana de Pintura”.

Salientamos que atualmente existem vários tipos de museus e algumas igrejas são inclusas nessa tipologia como Museu Histórico, trazendo em suas imediações de nossa história e que são expostos ao público que freqüentam o templo como fiéis nos momentos celebrativos ou na condição de visitantes destes espaços sagrados. É notório que a exemplo de alguns museus, as igrejas estão estabelecendo roteiros internos de visitação em paralelo aos horários de funcionamento das celebrações religiosas. Algumas igrejas antigas já não mais funcionam como templo de celebrações, mas apresentam-se como Igreja/Museu,

“Respeitada às proporções real de cada museu, não se pode fugir à necessidade de, em tendo um acervo, documentá-lo, tratar de sua conservação estabelecer uma comunicação junto ao público, dentro de um propósito fundamental de educar. Sem estes passos não se pode considerar satisfatória uma ação museológica” (Caderno de Sociomuseologia nº 12, p.39)

As nossas igrejas baianas são também espaços museais, que trazem expressões artísticas em seu interior de elevado valor histórico. E por meio da Museologia que vem comprometida com a ciência dos museus e no contexto de Schainer “a museologia teria sido desenvolvida para estimular a compreensão e o estudo dos museus, enquanto fenômenos sociais perceberam a ligação das igrejas cada vez mais forte em nosso meio social e com apuração do “olhar museológico” consegue despertar admiração e valorização das pinturas com temática religiosas.

Segundo H. W. Janson (2001, p.943) a pintura evidenciou a esperança de renovação espiritual, pela revitalização da fé católica. Diante desta colocação, podemos nos referir as pinturas com temática religiosa às quais é perceptível sua ligação com as Sagradas Escrituras e conseqüentemente o despertar da espiritualidade no ser humano. O acervo presente na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira são quadros que mediante a contemplação, revela-nos o sentido da religiosidade nas representações do artista, bem como elementos que evidência a intenção do cenário nos planos de perspectiva da obra de arte, e completa a decoração do ambiente religioso como objeto fundamental para o espaço que fora destinado, sendo este um patrimônio histórico e artístico.

Françoise Choay define em seu livro intitulado “A alegoria do patrimônio” Patrimônio Histórico,

“A expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituindo pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes



aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes dos seres humanos.  
(CHOAY. 2006, p. 11)

Neste sentido, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira sendo um Patrimônio Histórico traz consigo objetos, que compõem seu contexto histórico e as pinturas representam de maneira marcante esta existência na história dos cachoeiranos, e estes contemplam a arte como veículo de comunicação entre o passado e o presente. A representação das invocações religiosas mostra as características doutrinárias, que marcam a vida cotidiana nas práticas religiosas o que é perceptível na cidade de Cachoeira.

Salienta-se que existem nas Sagradas Escrituras, discursos referentes às cenas dos quadros que representam a vida de Jesus e pessoas que fizeram parte dos acontecimentos narrados nos livros da Bíblia Sagrada.

## 2. TEMÁTICA RELIGIOSA NAS PINTURAS

### 2.1 Arte Sacra e Arte Religiosa

De acordo com Pastro (2010, pp.72-73), a imagem é o espaço onde o sagrado se revela. Salientando que a linguagem do sagrado é a imagem e a linguagem do homem é o símbolo. A invocação do Sagrado mostra sentido que diferencia o objeto, no sentido em que aquelas pessoas “cujos olhos uma pedra se revela sagrada, a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural”, ou seja, uma pedra sagrada não deixa de ser pedra nem adoramos essa pedra, mas por serem hierofanias<sup>2</sup>, “mostram” qualquer coisa que já não é pedra, mas o Sagrado, “outra coisa” a manifestação do Sagrado.

A invocação religiosa com representações simbólicas contribui no âmbito da iconografia cristã diante dos significados incluso nos conteúdos por meio da imagem retratando aonde o sentido religioso vão além de uma representação da arte e nas pinceladas do artista as retratações de cenas religiosas trazem consigo uma função de objeto mediador entre Deus e a humanidade.

Queremos neste ponto transcrever o que diferencia a imagem de culto da imagem de devoção. A relação com o Sacro e o Religioso dá sentidos diferentes a estas artes.<sup>3</sup>

De acordo com Pastro:

“A ARTE SACRA, discreta e em estreita ligação com a liturgia, faz um todo com o Espaço Sagrado. FAZ PARTE DA CELEBRAÇÃO, APRESENTANDO UMA VERDADE DA FÉ.”  
 “A ARTE RELIGIOSA por decorar uma sala, um quarto... e até uma capelinha. É MAIS UMA SUBJETIVIDADE REGIONAL E DE ÉPOCA”  
 (PASTRO, 2010, pp.114-115).

De acordo com Pastro (2010, p.114) no Primeiro Milênio do Cristianismo<sup>4</sup>, não havia imagens devocionais de “santos”, mas só se retratava a Escritura Sagrada, a “Bíblis Palperum”. A imagem de devoção surge da interioridade humana e psicológica, das experiências individuais e pessoais mesmo sendo esta referente a Deus e seu governo. A imagem de culto transcende do divino com domínio que vem da esfera celestial. Tem uma realidade de poder e manifesta Aquele que reina, e o homem fica emudecido ao contemplá-la e reza. Neste sentido a arte sagrada e religiosa é viável descrever que evidentemente não

<sup>2</sup> HIEROFANIA = Manifestação do desconhecido, revelação (grego).

Manifestação do Sagrado em alguma coisa, através da coisa (grego).

<sup>3</sup> IMAGEM DE CULTO ou Arte Sacra / IMAGEM DE DEVOÇÃO ou Arte Religiosa.

<sup>4</sup> O Cristianismo é a religião do Mistério. Ele manifesta em nossa carne a divindade (encarnação) que não podemos ver. Suas ações humanas, seu sacrifício na cruz, sua morte e ressurreição são mistérios onde Deus se revela numa maneira que ultrapassa o entendimento humano. O Mistério é conhecido somente pela fé. (PASTRO, 2010, p.77)

apontamos a existência de uma imagem de culto e outra religiosa, mas o sentido da imagem de culto é que Deus se faça presente para transmitir o mistério indicado na imagem onde a arte é apenas um meio de comunicar esse Mistério<sup>5</sup> sagrado.

### 2.3 Iconografia Cristã

O Cristianismo segundo Pastro (2010, p.126) desenvolveu uma arte simbólica e didática, como meio de educar a fé, decorar e celebrar os lugares de martírio e sepultamento dos mártires como lugares da “presença continuada” do Cristo.

Dentro desta arte Cristã o autor Pastro destaca:

- a. Ser testemunha de um outro mundo presente entre nós.
- b. O artista cristão se tornará um missionário, pregando para a edificação, instrução e santificação dos fiéis.
- c. Transmite a universalidade da fé.  
Como o Cristianismo, as fronteiras desaparecem: a unidade da fé originará a unidade das representações figuradas. Usa-se uma mesma língua, cantam-se as canções de tradição originariamente hebraica, os símbolos evangélicos tornam-se populares nas diversas culturas.
- d. A arte se torna imagem sensível do texto sagrado, ignorando distinções de nacionalidades e classes como uma “pregação muda”.
- e. Será uma arte, sobretudo, para celebrar, comemorar, glorificar e louvar o Salvador do Mundo.
- f. Surgirão grandes edificações a partir do século VI, como Casas de Eternidade com um só pensamento unificador: “ao Senhor deve ser reservado o que há de mais belo, pois trabalhar para Deus é trabalhar para a própria salvação”.
- g. Desenvolvimento das artes em geral. Unifica diversidades de expressões advindas dos povos convertidos.
- h. A arte cristã marcou contrastes. Ela sempre irradiou uma nova humanidade quando, muitas vezes, trágicos sobressaltos agonizavam as civilizações.” (PASTRO, 2010, p.127)

Buscamos fundamentar a relação entre a palavra e a imagem que está presente na Sagrada Escritura. Segundo Pastro (2010, p.131) a Palavra de Deus, a Escritura, agora se tornou carne e vive entre nós, faz história conosco, celebra conosco. “A Palavra se fez carne e habita entre nós”, diz o Evangelho de João (1,14). Os cristãos trazem a arte como testemunho e não desmente, transformam o lugar onde passam por meio das obras de arte que revelam o mistério presente na Encarnação, evidenciamos neste ponto que a arte serve de testemunho e faz relação entre Palavra e Imagem.

---

<sup>5</sup> MYSTERIUM FIDEI: A Igreja leva a salvação à humanidade não apenas pela PALAVRA, mas pela FÉ e CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO.

Dois sentidos do Mistério: 1. Mysterium: sentido tardio, da baixa Antiguidade até hoje. O sentido banal: algo é misterioso. 2. Mysterium: “a ação divina” (Paulo, Hebreus, João), a ação de Deus entre nós: o Cristo. (PASTRO, 2010, p.71)

De acordo com Pastro a evolução da Iconografia Cristã transmite que:

“A imaginária cristã é a expressão de um tempo e lugar, de correntes filosóficas e espiritualistas. Através das obras de arte, conhecemos a história da Igreja e dos povos. As imagens sofrem mudanças, pois são reflexos de diferentes espiritualidades nos diferentes séculos. Porém, as imagens, igualmente, provocam mudanças na espiritualidade, nas pessoas, no seu tempo.” (PASTRO, 2010, p.133).

Evidenciamos assim que, por meio das obras de arte, podemos conhecer a história da Igreja e dos povos e as imagens conseqüentemente provocam transformações na espiritualidade das pessoas de acordo com seu tempo e sua inserção.

### **2.3 O artista e a pintura sacra no século XIX**

No início da ocupação colonial havia poucos artistas na Bahia e nesse tempo as atividades dos pintores eram limitadas ao douramento e aos revestimentos coloridos das imagens. No segmento religioso, o Estado da Bahia em séculos passados chama-nos atenção com o início das construções de várias igrejas em nossa sociedade. A presença dos jesuítas foi marcante nesse aspecto religioso, priorizamos aqui destacar sua contribuição nas pinturas sacras presente em nossas igrejas baianas. Os jesuítas convidavam muitos pintores de renomes europeus para decorarem esses templos sagrados. “Somente a partir de 1650, com as encomendas feitas pela Ordem Terceira do Carmo da cidade de Salvador aos pintores locais, é que teve início um pequeno mercado de pintura para artistas baianos e estrangeiros residentes na Capitania.” (ARAUJO. 2000, p.107).

Segundo Araujo, a pintura foi valorizada pela Ordem Jesuítica que faziam verdadeiras “galerias de arte da Bahia e da Colônia”. No século XVIII o jesuítico Carlos Belleville, sacerdote francês que passou dez anos na China trouxe grande influência como destaca Araujo (2000, p.108) “motivos decorativos chineses” e em seu estilo as cores ainda desconhecidas no Brasil colonial. “Foi marcante a influência de mestres holandeses, italianos e espanhóis nos trabalhos de pintores que viviam na Bahia. Entre eles, José Joaquim da Rocha, que dá início à fase mais rica da pintura baiana. (ARAUJO. 2000, p.109).

Segundo Campos muitas autorias e atribuições de obras de arte e a própria história da arte precisam ser revisada, a autora chama atenção no sentido da pintura baiana e brasileira em séculos anteriores. Defende ainda que o aprendizado local na arte da pintura foi um esforço do próprio artista na busca do aprimoramento desse ofício e,

“Segundo Ott (1981), a pintura baiana nos séculos XVIII e XIX manteve características da pintura portuguesa, inclusive com a participação de

pintores portugueses vindos à Bahia, em busca de melhores condições de trabalho. Considerou que entre 1650-1750 não havia bons pintores e nem boas escolas em Portugal, negando assim a contribuição de pintores portugueses na formação de artistas locais. Dessa forma, o aprendizado local na arte da pintura foi feito por um esforço pessoal de cada um.” (CAMPOS, 2010, p.26)

Neste sentido, quem deu início as produções de obras de arte em Salvador foi José Joaquim da Rocha, e a este foi “atribuída mais de 150 obras realizadas na segunda metade do século XVIII.” E sua arte foi ampliada através de seus discípulos, entre este José Teófilo de Jesus.

De acordo com Campos, a colocação de Serrão (1983, p. 190) refere que até a segunda metade do século XVI em Portugal, a condição de trabalho do aprendiz artista seguia a norma de manter este aprendizado por três a nove anos sendo “ininterruptos, fornecendo-lhe cama, comida e agasalho, ensinando-lhe os fundamentos e prática da arte; os discípulos deveriam servir com obediência.” E os que ali estivessem nesta condição de aprendizes deveriam ser obedientes e a remuneração era do mestre, que do tutor daquele aprendiz firmava contrato com o valor de pagamento pelos ensinamentos.

Os pintores eram profissionais liberais e não precisavam de licença para executar sua função, pois,

“Os pintores e escultores eram considerados profissionais liberais e independiam da licença da Câmara para exercerem suas profissões. Ainda que precisassem administrativamente das corporações, tinham participação social e se colocavam em evidência frente aos órgãos oficiais e em consequência às ordens religiosas, que eram os principais encomendantes de obras (...)” (CAMPOS, 2010, p.28)

Por volta de 1763 mantendo a sede do governo português em Salvador, o arcebispado brasileiro teve uma predominância grandiosa dos artistas, estes vinham de outras províncias, somando a estes os de origem baiana “foram responsáveis pela decoração das construções oficiais e religiosas”. Constatando assim, um grande número de obras com pintura a óleo no “primeiro quartel do setecentos” e muitas destas obras foram destruídas ou modificadas com a diferença de estilo no oitocentos. A Bahia em meados do século XVIII foi local de inspiração em comparação com as demais cidades brasileiras, como fonte iconográfica a inspiração na época eram os azulejos, as pinturas de teto das igrejas e imagens religiosas.

As encomendas das obras de pintura na sua maioria eram feitas pelas ordenações religiosas nos séculos XVII, XVIII e XIX. As igrejas melhoravam as dependências com a integração das artes e a pintura completava a decoração, que concluía as construções dos templos religiosos. Os que encomendavam as obras exigiam cores e formas, bem como

utilização de materiais de qualidade e a conclusão destes trabalhos tinham prazo estabelecido. Deste modo, a atribuição da autoria destas obras só era conferida através dos documentos realizada pelas ordens religiosas que registrava a encomenda e o pagamento das obras. De acordo com Campos (2010, p.30), o destino da pintura era para revestir as superfícies a exemplo dos azulejos e, por conseguinte mudança de gosto e economia da elite baiana. Os que respondiam em nome das Ordens Terceiras deu início a uma maior aceitação à decoração, com obras de arte no revestimento que “sobretudo na representação da imagem via-se um inesgotável campo de catequese dos preceitos religiosos, de forma mais aceitável para os inúmeros fiéis”. Campos (2010, p.30) ainda faz importantes colocações sobre a pintura nos templos religiosos,

“A época do século XVII e XIX, na Bahia, assiste-se o triunfo da pintura monumental nos tetos dos templos, submetida às normas e formas decorativas utilizadas pelos grandes mestres. A construção dos programas iconográficos passaria, então, pela influência de cenas bíblicas, martírios, êxtases e exaltação mística. Os pintores dão provas de uma imaginação fecunda, a partir de motivo a puramente religiosos, relacionados à história da vida dos santos, bem como à história das ordens religiosas”. (CAMPOS, 2010, p.30)

E no sentido do conceito destas pinturas estarem baseadas no conceito chave tridentino do decoro havia uma preocupação, para que não construísse nenhuma imagem falsa ou que tivesse uma beleza provocativa.

“(…) Por isso, na Bahia os encomendantes se colocavam com tanta diligência e cuidado na forma em que deveriam ser apresentadas. Não se admitia nenhuma idéia de profano ou desonesto, pois, a casa de Deus deveria ser palco de santidade. Assim, a censura e o controle sobre a arte sacra deveriam passar também por critérios e normas técnicas que resguardassem o cumprimento desses preceitos para convencer, converter e triunfar sobre a vida mundana.” (CAMPOS, 2010, p.31)

As figuras que eram pintadas deveriam assim, transmitir paz e serenidade sendo “ figuras eleitas identificadas por atributos designados em signos: a Haste florida das virgens sábias, a palma dos mártires, o rolo de pergaminho dos profetas, o livro dos apóstolos, entre outros”. Com estes atributos conseguiam transmitir a serenidade do paraíso celestial como coloca Campos e explica que ao contrario destes, as representações inversas a estas poderiam inspirar terror e não a candura<sup>6</sup>.

A transferência da Família Real para o Brasil a partir de 1808 provocou mudanças econômica, política e sociocultural, devido a abertura dos portos ao livre acesso comercial das nações estrangeiras. Campos (2010, p.34) coloca que esta mudança, fez com que

---

<sup>6</sup> s.f 1. Qualidade de cândido; candidez, candor. 2. FIG Ingenuidade, inocência, pureza de alma. (RIOS, 2009,p.93)

Portugal absorvesse culturas francesas e inglesas e, no final do século XVII e início do XIX a Bahia se configura com a perspectiva de suas artes e artistas brasileiros. Mas a laicização da sociedade e a mudança da cultura e formas de lazer foi o favorecimento para “o declínio dos ramos de atividades ligadas às artes, refletindo inclusive na manutenção das irmandades e seus templos”.

Segundo Campos, a pintura religiosa testemunha a mentalidade e a organização social da Bahia, considerando:

“(…) que os exemplos retirados da vida dos santos estavam em demasiada relação com o conjunto do fenômeno da devoção, cuja vida destes estava estritamente ligada à convivência com as imagens e os devotos teriam que compreender e influenciar seus *modus vivendi* na configuração da santidade ali exposta”. (CAMPOS, 2010, p.36)

Diante destas colocações, vamos destacar em nossa pesquisa dois artistas que viveram e contribuíram com a pintura na Bahia, José Joaquim da Rocha que deu ênfase a pintura colonial brasileira o fundador da Escola Baiana de Pintura, e seu discípulo que merece destaque, José Teófilo do Jesus. Deste modo verificamos que:

“José Joaquim da Rocha (1757-1837) é um dos nomes mais importantes da pintura colonial brasileira, sendo o pioneiro na prática da pintura perspectiva nas igrejas do Nordeste e fundador da escola Baiana de Pintura. Nasceu, provavelmente em, em Portugal, onde fez seus primeiros estudos de pintura, ou em Salvador, onde viveu e trabalhou. Morreu em 1837 aos setenta anos de idade.” (ARAUJO. 2000, p.109)

Segundo Araujo (2000), o artista José Joaquim da Rocha estudou em Lisboa, mas foi na Bahia que encontrou o melhor mercado de trabalho em vista das construções de muitas igrejas na capital da Colônia, bem como colégios religiosos e mosteiros. O artista em data não referida esteve em Lisboa, onde em contato com Andrea Pazzo teve contato com as técnicas da pintura ilusionista e teve contato com muitas pinturas perspectivistas nas igrejas da capital portuguesa, inspirou-se também nos trabalhos de Antônio Lobo um discípulo de Boccarelli. Araujo enfatiza que o mestre José Joaquim da Rocha:

“Entre 1780 e 1786, para atender ao grande número de encomendas passou a contar com a participação, em seus trabalhos, de José Teófilo de Jesus e Veríssimo de Freitas, o que mais tarde causou dificuldades na identificação da autoria de algumas pinturas, douramento e encarnações de imagens. Nesta fase pintou o teto da nave da Igreja de São Domingos, em 1781, e quadros para a Igreja de da Divina Pastora, por volta de 1783. Executou pinturas em perspectiva para a capela do Convento do Carmo, em 1784, e da nave da Igreja da Palma, em 1785, executando ainda a nave da Matriz de São Pedro Velho, em 1786.

Até 1790 ele e seus discípulos trabalharam intensamente, procurando de forma constante aprimorar suas técnicas, pois não consideravam satisfatória a pintura que fazia da terceira dimensão da profundidade. No entanto, os painéis executados para a Igreja do Pilar, por volta de 1790, e as pinturas das consagrações para padre e para bispo de Santo Agostinho da Palma, executadas em 1788, mostram que dominava completamente a arte do ilusionismo.” (ARAUJO. 2000, p.111)

Araujo enfatiza que Rocha produziu seu trabalho até o início do século XIX, pintou dois painéis em 1801, ambos com tema desconhecido destinados a um oratório da Ordem Terceira de São Francisco na cidade do Salvador e não mais foram localizados. Muitas obras de Rocha, segundo Carlos Ott não apresentava data nem assinatura e esta era uma prática muito freqüente entre os pintores coloniais.

José Teófilo de Jesus nasceu em Salvador e faleceu com quase 90 anos, em 1847 nesta mesma cidade.<sup>7</sup> Foi considerado o melhor aluno do mestre José Joaquim da Rocha, Teófilo realizou muitos trabalhos de douramento em molduras, encarnações de imagens e pinturas de painéis. Foi enviado pelo mestre a Portugal para aperfeiçoar-se na arte da pintura e permaneceu em Portugal até o ano de 1949. cursou a Academia de Desenhos em Lisboa, teve contato com Pedro Alexandrino de Carvalho (1729-1810) “o pintor dos frades” regressou a Salvador em fins de 1801. Por muito tempo não constava seu nome nos arquivos de documentos, mas isso não tira a possibilidade dele ter produzido nesse período ou mesmo buscado novos conhecimentos viajando novamente. Reapareceu em 1815 e realizou uma obra de douramento e pinturas na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, por este trabalho recebeu elevada quantia na época. Sendo então perceptível a influência de José Joaquim da Rocha e do pintor de frades citado anteriormente, ao observamos os traços do artista podemos identificar o segmento do mestre.

Segundo Carlos Ott, certamente Teófilo seguia a maneira de seus antecedentes os bisavós que eram portugueses e espanhóis, gostavam muito de produzir suas pinturas estando sentado em frente a um cavalete e assim surgiam muitos quadros, os quais designavam a serem pendurados em paredes, pois esta era a maior habilidade do artista nas pinturas.

Teófilo foi considerado na primeira metade dos Oitocentos, o maior pintor que desenvolveu trabalho artístico nas pinturas da Bahia. As telas por Teófilo produzida existente na sala de exposição no Museu de Arte Sacra da UFBA são obras que retratam cenas bíblicas e servirão de suporte ao nosso estudo, no âmbito comparativo nas análises artísticas deste trabalho documental. Ao compararmos as imagens e seus traços artísticos com algumas telas do acervo em estudo, as quais apresentam ligação com a mesma temática religiosa.

---

<sup>7</sup> Catalogo “Os Pintores do Bonfim” (1999).



As pinturas do acervo da Igreja Matriz são atribuídas ao século XIX, porém sua autoria é desconhecida, as que selecionamos no Museu de Arte Sacra são do mestre José Joaquim da Rocha e José Teófilo de Jesus.



Tela do acervo da Igreja Matriz representando a Anunciação.

Fonte: Autora, 2013.



Tela de José Joaquim da Rocha representando a Anunciação.

(Museu de Arte Sacra-UFBA)

Fonte: Autora, 2013.



Tela do acervo da Igreja Matriz representando a Apresentação do menino Jesus no Templo.

Fonte: Autora, 2013.



Tela de José Joaquim da Rocha representando a Apresentação do menino Jesus no Templo.  
(Museu de Arte Sacra-UFBA)

Fonte: Autora, 2013.



Tela de José Teófilo de Jesus representando Melquisedec  
(Museu de Arte Sacra-UFBA)

Fonte: Autora, 2013.

Deste modo observamos que existe muita diferença nas proporções humanas, nas telas da Anunciação, na apresentação do Anjo Gabriel. Os artistas retrataram as flores em mãos opostas, as vestes e o jeito do panejamento, os gestos expressos na figura de Maria, e os elementos que completam o cenário não são iguais. Nas pinturas em geral existem semelhanças devido às cores utilizadas, predominância dos tons claros. A chama da vela foi um recorte que nos chamou atenção na pincelada do artista, pois notamos o jeito de pintar a chama de luz presente nas diferentes autorias citadas. Mas, notamos uma semelhança nas molduras dos quadros da Matriz com a moldura do quadro de José Teófilo de Jesus, com a presença marcante das folhas e flores no entalhe.

## 2.4 O conjunto de telas da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário

É notória a presença da coleção de telas localizadas na sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira, são obras que impõem a riqueza decorativa do espaço e representam cenas bíblicas.

Em nossas análises para fins de documentação deste acervo, as telas seguem expostas na seguinte localização (sentido de entrada no Templo): a primeira tela está localizada na parede esquerda da porta de entrada do corredor lateral direito, as imagens representam a Visitação de Maria a sua prima Izabel. Neste ponto observamos que em algum momento as telas foram retiradas da parede onde ficam expostas, por conseguinte necessidades de intervenções de restauro nas obras. Foram recolocadas, mas a ordenação das telas segundo consta no livro do Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia (1982) o primeiro quadro exposto era o que representa a Anunciação e depois, o que representa a Visitação. Observamos que atualmente ambos estão seqüencialmente trocados na exposição e os textos bíblicos reforçam esta ordenação segundo as Sagradas Escrituras.



Quadro 1- Visitação

Quadro 2- Anunciação

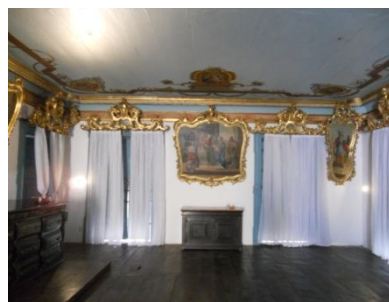
Fonte: Autora, 2013.

Na seqüência, nesta mesma parede está localizada a segunda tela então citada representando a Anunciação, seguindo a terceira tela representando a Adoração dos Pastores e a quarta tela com a Adoração dos Reis Magos.



Parede esquerda da porta de entrada.

Fonte: Autora, 2013.



Parede lateral esquerda da sacristia.

Fonte: Autora, 2013.

Na parede lateral esquerda da sacristia, visualizamos a quinta tela representando a Apresentação do menino Jesus ao Templo e a sexta tela representando Judite uma figura feminina.

Na parede frontal à porta de entrada localiza-se a sétima tela representando o menino Jesus entre os sacerdotes no Templo. Na seqüência, a oitava tela que representa a despedida de Cristo, a nona tela retrata o nascimento de João Batista, e a décima tela representando a Assunção de Nossa Senhora.



Parede frontal à porta de entrada

Fonte: Autora, 2013.



Parede lateral à direita da porta de entrada

Fonte: Autora, 2013.

Na parede lateral à direita da porta de entrada, completando a coleção de telas exposta na sacristia visualizamos a décima primeira tela representando a Divina Pastora e a décima segunda tela representando a circuncisão do menino Jesus.

Desta coleção muito pouco encontramos em registros documentais para embasamento de nosso trabalho. Na parede da Igreja a marcação da enchente de 60 nos direciona a buscarmos fontes orais de antigos moradores da cidade, pois a enchente do Rio Paraguaçu atingiu diretamente a coleção como consta nas mediações do templo religioso, mediante pedra de registro deste acontecimento. Diante desta informação, iremos analisar também as possíveis intervenções que foram realizadas no acervo em estudo. Salientamos a importância desse acervo para a comunidade, objetos religiosos que fazem parte da história religiosa da população cachoeirana, as pinturas são importantes elementos artísticos presente em nossas igrejas baianas. Enfatizamos que a coleção citada anteriormente é de peças tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN) e são objetos motivadores para realizarmos a documentação museológica.

“As informações, por sua vez, não são latentes nos artefatos; para que se tornem testemunhos da história é preciso interrogá-los como evidência do passado que se quer conhecer” (JULIÃO, p.98). Contudo o objeto nunca deve ser encarado na individualidade e

sim na coletividade do objeto, pois não é a questão da originalidade apenas e sim pensar como o objeto foi utilizado, o conteúdo histórico que faz referência a sua produção artística.

Segundo Julião (2006, p.94), antes de expor é necessário investigar, realizar pesquisa sobre o acervo, antes de comunicar. E o que existe de mais importante no museu é em primeiro lugar preservar, para que as gerações futuras possam conhecer. Em segundo lugar pesquisar para que os museus possam se transformar em meio de comunicação entre homem e o objeto daí a importância da pesquisa, e em terceiro lugar a comunicação, esta irá passar tudo que foi investigado sobre o acervo e seus objetos.

O autor OTT contribui em nossa pesquisa ao falar sobre a história da Matriz de Cachoeira e as artes existentes neste espaço religioso, e sobre a coleção de telas pontua que:

“Ao revés, os painéis em questão revelam o estilo de autor diverso. Anotamos, em primeiro lugar, que as proporções humanas (cabeça, corpo) já não são características da arte erudita, ou seja, de 1:8, aproximando-se das expressivas da arte popular, ainda que chegado a atingi-las, o que evidência a autoria de um pintor que não cursou uma Escola de Belas Artes (como é o caso de José Teófilo de Jesus). Mas um aprendiz das ‘receitas’ de José Joaquim da Rocha, dele, no entanto distanciando-se, aos poucos, para atingir seu estilo próprio e encantador”. (OTT, 1978, p.21)

A sacristia da Igreja Matriz de Cachoeira é um espaço localizado no térreo com duas portas de acesso. Atualmente, o local é utilizado para conclusão da santa missa na pessoa do Padre, ministros e coroinhas que participaram da celebração eucarística, reuniões dos irmãos do Orago da Cachoeira e recolhimento dos paramentos litúrgicos após as celebrações. Espaço aberto a visitas fora do horário da Santa Missa para contemplação das obras de arte.

### 3. DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

#### 3.1 Conceitos

A documentação museológica é essencial para organização dos acervos nas instituições, que busca aquilatar os objetos registros da cultura material e imaterial. É necessário compreendermos a definição da documentação museológica, para que esta seja aplicada aos bens culturais, valorizando a importância das ações que visam à preservação dos mesmos. Sendo assim, compreendemos que a documentação museológica é um conjunto das informações com o objetivo de preservação, investigação e informação, tudo isto com base no Código de Ética do ICOM/1972.

A autora Helena Dodd Ferrez define que:

“A documentação de acervos museológico é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar (...), as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento”. (FERREZ, 1994, p.65)

Lembramos ainda, a colocação da autora Evanise Pascoa Costa que amplia ainda a sua observação aos procedimentos de conservação, relacionados aos documentos e fazer referência que a documentação museológica:

“(...) é toda informação referente ao acervo do museu. Um museu que não mantém atualizadas e em bom estado as informações relativas a seu acervo, deixa de cumprir uma de suas principais funções, ou talvez a mais importante, que é a preservação de sua memória. Os responsáveis pelos museus têm a obrigação de manter as coleções em boa ordem e transmiti-las a seus sucessores nas melhores condições de registro.” (COSTA, 2006, p.33).

Quando nos referimos à existência dos objetos que envolvem a realidade dos acervos inseridos na sociedade cultural, no âmbito da criação humana, a documentação investiga suas informações intrínsecas e extrínsecas. Ou seja, intrinsecamente as características advêm do próprio objeto em sua forma física e extrinsecamente as informações vêm de fora do objeto como seus caracteres na existência histórica.

Segundo Fonseca (2005, p.180), a prática da conservação e preservação assumiu um papel importante no final do século passado onde políticas públicas foram criadas, instituições passaram a ser consultadas e as cidades passaram a ser vistas de outra forma e com outra finalidade. Desta maneira, o termo Patrimônio Histórico assumiu um lugar de

referência jamais visto antes. Diante deste contexto, o tombamento tem se constituído um instrumento de preservação por excelência.

Cabe enfatizar que o tombamento pode ser aplicado a bens móveis e imóveis de interesse cultural em várias escalas interativas como a de um município, de um estado, de uma nação ou de interesse mundial, quais sejam: fotografias, livros, acervos, mobiliários, utensílios, obras de arte, edifícios, ruas, praças, bairros, cidades, regiões, florestas, cascatas, entre outros. No entanto, somente é aplicado a bens de interesse para a preservação da memória e referências coletivas, não sendo possível utilizá-lo como instrumento de preservação de bens que sejam apenas de interesse individual. Assim, o tombamento não altera a propriedade de um bem; apenas proíbe que ele venha a ser destruído ou descaracterizado. Logo, um bem tombado não necessita ser desapropriado, mas deve manter as características que possuía na data do tombamento.

Fonseca (2005, pp.185-187) descreve que, na prática de preservação, tanto nos mecanismos de seleção de bens para tombamento quanto, com mais motivos, nas obras, os procedimentos adotados continuaram os mesmos das décadas anteriores: a avaliação técnica dos pedidos de tombamento sendo feitas pelos setores técnicos da Administração central da Sphan e o julgamento final feito pelo Conselho Consultivo, é também possível identificar a participação da sociedade nos tombamentos, a partir da análise dos processos. Porém, o principal objetivo era assegurar a proteção dos bens pelo ato jurídico do tombamento, que é uma modalidade de intervenção ordinatória, onde acontece por meio de procedimento administrativo vinculado que conduz ao ato final de inserção do bem num dos livros de tombo, procedimento este em que se dá ampla defesa ao proprietário do bem a ser tombado. De acordo com Lemos:

“O livro de tombamento é um atributo que se dá ao bem cultural escolhido e separado dos demais para que, nele, fique assegurada a garantia da perpetuação da memória. Tombar, enquanto for registrar, é também igual a guardar, preservar.” (LEMOS, 2006, p.85)

No Livro de Tombo ou Registro existem campos que são obrigatórios para documentarmos os objetos como, por exemplo, o número de registro com sistema bipartido com dois campos ano/número de registro, ou sistema tripartido com três campos ano/acervo/número de registro, seqüenciando com os demais campos: nome do objeto com terminologia correta, a data do registro da peça com dia/mês/ano, uma descrição sumária com características, dimensões do objeto e seu estado de conservação.

Para Cândido, os objetos trazem consigo marcas que devem ser investigadas, sendo assim:

“Os objetos comuns e anônimos, frutos do trabalho humano e vestígios materiais do passado, correspondem às condições de determinadas

sociedades ou grupos sociais. Na natureza latente desses objetos, há marcas específicas da memória, reveladora da vida de seus produtores e usuários originais. Mas nenhum atributo de sentido é imanente, sendo vão buscar no próprio objeto o seu sentido. Para que ponda às necessidades do presente e seja tomado como semióforo, é necessário trazê-lo para o campo do conhecimento histórico e investigá-lo de significados. Isto pressupõe interrogá-lo e qualificá-lo, decodificando seus atributos físicos, emocionais e simbólicos como fonte de pesquisa. Assim diante deste contexto museológico (...) o objeto se ressemantiza em seu enunciado, alcançando o status de documento.” (CÂNDIDO, 2006, p.34)

Ao analisarmos o trabalho de Morgana da Silva Camargo sobre: A documentação museológica no museu municipal de Cachoeira do Sul: da empiria ao método museológico (1978-2011) verificamos que a documentação não é apenas atribuída ao registro das peças, mas a evidência dos objetos como fonte de pesquisa científica. Cabendo-nos assim a responsabilidade de proporcionar conhecimento da informação, referente ao objeto existente na coleção descreveu Camargo (2011, p.13) “Segundo Rosana Nascimento (1998), ao considerar os documentos como registro de atividade humana, a documentação serve como instrumento de comunicação e preservação da informação no âmbito da memória social e da pesquisa científica.”

### 3.2 Estudos iconográficos

De acordo com Panofsky (2004, p.47), “Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma”, ou seja, o conteúdo temático ou significado das obras de arte, enquanto algo diferente da sua forma. E a iconologia “é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise”. Deste modo, a iconografia trata da história das imagens e a iconologia da história das idéias.

Ao analisarmos as obras de arte podemos distinguir segundo Panofsky os três níveis ligados ao tema ou significado, sendo estes o tema primário ou natural<sup>8</sup>, tema secundário ou convencional<sup>9</sup> e o significado intrínseco ou conteúdo<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> “(...) subdividido em fatural e expressional. É apreendido pela identificação das formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor, ou determinados pedaços de bronze (...) como representativo de objetos naturais tais como seres humanos, animais, plantas (...). O mundo das formas puras assim reconhecidos como portadores de significados primários ou naturais pode ser chamado de motivos artísticos. Uma enumeração desses motivos constituiria uma descrição pré-iconográfica de uma obra de arte.” (Panofsky, 2004, p.50)

<sup>9</sup> “(...) é apreendido pela percepção de que uma figura masculina com uma faca representa São Bartolomeu (...) ligamos os motivos artísticos e as combinações de motivos artísticos (composições) com assuntos e conceitos. Motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional podem chamar-se imagens, sendo que combinações de imagens são o que os antigos teóricos de arte chamavam de invenzioni; nós costumamos dar-lhes o nome de estórias e alegorias.” (Panofsky, 2004, pp.50-51)

<sup>10</sup> “(...) é apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica.” (Panofsky, 2004, p.52)



Erwin Panofsky descreve que “a exata identificação dos motivos é um requisito básico na análise correta da iconografia, e a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica”. Para melhor compreensão dessas análises destacamos que:

“A análise iconográfica, trata das imagens, estórias e alegorias em vez de motivos, pressupõe, é claro, muito mais que a familiaridade com objetos e fatos que adquirimos pela experiência prática. Pressupõe a familiaridade com temas específicos ou conceitos, tal como são transmitidos através de fontes literárias, quer obtidos por leitura deliberada ou tradição oral. Nosso bosquímano australiano não seria capaz de reconhecer o assunto da Última Ceia; esta lhe comunicaria apenas a idéia de um jantar animado. Para compreender o significado iconográfico da pintura, teria que se familiarizar com o conteúdo dos Evangelhos (...) devemos, também nós, tentar nos familiarizar com aquilo que os autores das representações liam ou sabiam (...) embora o conhecimento dos termos e conceitos específicos transmitidos através das fontes literárias seja indispensável e suficiente para uma análise iconográfica, não garante sua exatidão (...)” (PANOFSKY, 2004, pp.58-59)

A documentação investiga no objeto suas informações intrínsecas e extrínsecas. Ou seja, intrinsecamente as características advêm do próprio objeto em sua forma física e extrinsecamente as informações, vêm de fora do objeto como seus caracteres na existência histórica.

A coleção de telas objeto de nosso estudo já passou pelo processo de restauração, porém não localizamos nenhum registro neste sentido, a estas ações conseguimos apenas por meio de informações do museólogo Edilton Mascarenhas Gomes, que declara ter visitado o local no ano de 1996-1997, e neste período afirma que as telas estavam sendo restauradas.

Importante lembrar que segundo Mendes (2005, p.387), a análise estilística formal das obras de arte evidencia o estudo da expressividade de um artista, bem como sua forma de criação artística e a partir dos elementos pictóricos podem-se imprimir diferentes graus nas criações artísticas em função de determinados padrões estéticos. Neste sentido, o restaurador deve ter bom conhecimento da obra do artista. Assim as análises laboratoriais e a farta documentação fotográfica são essenciais para o bom êxito no processo de restauração, elementos estes que irão contribuir para “o resgate das características originais do objeto cultural.” Estes subsídios contribuem para uma restauração mais consciente, e auxilia os futuros pesquisadores.

Deste modo é sabido que:

“No momento de uma intervenção, o profissional deverá ter consciência dos elementos físico-químicos manipulados pelo artista, no momento da execução material de sua obra. Estes elementos podem ser apreendidos

pelo estudo da história da arte em relação ao período em que a obra foi criada, pois através desse estudo pode-se saber os recursos técnicos conhecidos e usados pelos artistas daquela época (...) quando há necessidade de interferir nos elementos formais da obra, também o conhecimento das soluções estético-formais e iconológico-iconográficas, características do período, pode ser de grande auxílio na escolha do tratamento a ser adotado.” (MENDES, 2005, p.401)

Como acontece com várias obras de arte do século XIX, a autoria destas telas não são identificadas, mas atribuídas aos pintores baianos deste período ou seguidores dos mesmos, os quais foram citados anteriormente.

No entanto, a leitura das obras desta coleção em estudo nos leva a refletir que:

“A iconografia cristã, segundo a tradução, é a representação, através de interpretações plásticas, de Deus, Cristo, Maria e dos Santos como também das verdades reveladas aos homens sobre os desígnios de Deus, consignados nos Livros Sagrados. Tais representações que tinha por finalidade lembrar aos fiéis a vivência do calendário litúrgico, têm oferecido aos artistas rico e variado repertório de temas.” (CUNHA,1993, p.13)

Assim, buscamos nos textos bíblicos as descrições literárias referente às cenas nas representações artísticas da coleção de telas em estudo, para melhor compreendermos os elementos iconográficos que compõem o cenário no conhecimento literário apresentado pelo artista que produziu.

### **3.3 Apresentação da ficha de registro**

Segundo Camargo-Moro (1986, p.45), as fichas de registro são atributos mínimos básicos com reconhecimento que advêm do Comitê Internacional de Documentação do Conselho Internacional de Museus e deste modo, parte fundamental como primeira pesquisa ou investigação viável por sua necessidade para a documentação do acervo no museu.

Os respectivos campos que compõem as fichas de registro que iremos utilizar, justificam-se pela importância das informações extraídas do próprio objeto.

A documentação dos quadros será individual com ficha que envolve campos intrínsecos<sup>11</sup> e extrínsecos<sup>12</sup>: Neste sentido, iremos utilizar a ficha de registro com a seguinte estrutura:

---

<sup>11</sup> Descreve tudo que visualizamos na própria peça.

<sup>12</sup> Informa o que vem de fora da peça e condiz com sua existência.

**FICHA** (número de seqüência do quadro na exposição atual)

**IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA**

**1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA**

UF/MUNICÍPIO: Estado e cidade onde está a peça.

ENDEREÇO: Referente a instituição.

ACERVO: Nome da instituição.

LOCAL DO PRÉDIO: Localização da sala que expõe as telas.

PROPRIETÁRIO: Responsável legal.

RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Responsável imediato e endereço.

**2-IDENTIFICAÇÃO**

DESIGNAÇÃO: Representação da pintura.

ESPÉCIE: Classe do objeto.

NATUREZA: Subclasse do objeto.

ÉPOCA: Século.

AUTORIA: Autor que produziu a peça.

MATERIAL/TÉCNICA: Material utilizado na pintura.

ORIGEM: De onde procederam as telas.

**3-PROTEÇÃO** (Sinalizar o campo correspondente marcando x)

CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( )Razoável ( )Ruim.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( )Bom ( )Regular ( )Péssimo

DIMENSÕES: Medidas em altura e largura.

DESCRIÇÃO: Nome da tela e leitura da cena.

**4-ANÁLISE**

RESTAURAÇÕES: Identificar se passou por restauro ou não.

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Descrição das técnicas identificadas.

CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Descrição as características da obra de arte.

CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: Descrição iconográfica.

OBSERVAÇÕES: Outras anotações referentes ao objeto.

Neste registro é de suma importância incluímos também em nossa ficha de documentação, a fotografia<sup>13</sup> do objeto. De acordo com o Manual Prático de como Gerir um Museu ICOM (2004, p.46) "(...) imagens digitais do acervo são um recurso valioso, tanto para propósitos de referência internos, como para utilização pelos investigadores e público". Neste sentido, além de reproduzirmos as imagens dos objetos como fonte de informação iconográfica, as fotografias servirão também como fontes de consultas sobre a coleção de

<sup>13</sup> Procedimento que permite registrar, com a ajuda da luz e de produtos químicos, a imagem de um objeto sobre uma superfície fotossensível. (RODRIGUES et. ali., 2008)

pintura sacra registrada nesta pesquisa, com o propósito de apresentarmos também um registro mais legível das imagens, pois o único registro que existe pertence à Paróquia de Cachoeira no livro do IBPC que consultamos. Este se apresenta em forma de xerox, com as imagens em preto e branco na péssima qualidade visual.

De acordo com Boris Kossoy, a imagem fotográfica tem valor documental desde o passado, neste sentido:

“Toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade. Se um fotógrafo desejou ou foi incumbido de retratar determinado personagem, documentar o andamento das obras de implantação de uma estrada de ferro, ou os diferentes aspectos de uma cidade, ou qualquer um dos infinitos assuntos que por uma razão ou outra demandaram sua atuação, esses registros – *que foram produzidos com uma finalidade documental* – representarão sempre um meio de conhecimento, e conterão sempre seu valor documental, iconográfico(…)” (KOSSOY, 2001, p.31)

Segundo Kossoy, a imagem fotográfica é um documento que visualiza o tempo e as informações inseridas em dado momento de nossa história, a fotografia é um inventário de informações no registro visual uma fonte de pesquisa.

### **3.4 Documentação das telas**


Nosso objeto de trabalho apresenta camada pictórica, neste ponto buscamos a contribuição da autora Clara Correia d’Alambert (1998) afirma que na pintura o controle da iluminação deve ser rigoroso na conservação, sabendo que a degradação causada pela luz é cumulativo e irreversível. A autora contribui com conhecimentos que inseridos na prática da documentação servirão como suporte para preenchimento das fichas, mediante análise da exposição dos objetos e seu estado atual de conservação.

Ressaltamos a contribuição de Maria Inez Cândido, quando fala sobre a documentação museológica e nos apresenta direcionamentos fundamentais no sistema de documentação, pois:

“Como parte integrante dos sistemas de preservação do Patrimônio Cultural, é papel dos museus criar métodos e mecanismos que permitam o levantamento e o acesso às informações das quais objetos/documentos são suportes, estabelecendo a intermediação institucionalizada entre o indivíduo e o acervo preservado.” (CÂNDIDO, 2006, p.34-35)

Deste modo, a coleção de quadros existentes na sacristia da Igreja Matriz de Cachoeira, cuja integridade já fora ameaçada no período das enchentes do Rio Paraguaçu, serão documentadas mediante seu caráter histórico, artístico e religioso, valorizando sua existência como bem cultural na categoria de bens materiais.


Portanto, a ficha de registro será preenchida mediante análise bibliográfica, Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), registro fotográfico referente às peças que integram a coleção e visitas no local da exposição, sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.

<b>FICHA 1</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 215 cm Largura 231 cm
DESCRIÇÃO: 1º Quadro. Tela representando a Visitação.

Fonte: Autora, 2013.
Nossa Senhora ao centro, abraçando Santa Isabel. A primeira está com aréola, sobre a

<p>cabeça véu curto branco, usa túnica branca, manguito de cor vermelha e manto azul. Santa Isabel traz sobre a cabeça, véu curto branco, usa túnica verde e manto vermelho. A esquerda de Nossa Senhora, São José de cabelos longos e barba curta, usa túnica cinza e manto ocre, segura na mão esquerda um bastão e na direita, um chapéu. À direita São Zacarias de cabelos e barbas grisalhos, usa túnica e sobretúnica branca cingidas por cordão, manto vermelho e com a mão direita, segura chapéu sobre a cabeça para saudar. Completando as cenas pilastras e degraus. Em último plano existência de fundo de plantas e tons pastéis. Painel com orantos emoldurados recortados em rosas e folhas, rocalhas, acantos em dourado e escaiolado nos tons azul. (IBPC, 2004)</p>
<p><b>4-ANÁLISE</b></p>
<p>RESTAURAÇÕES: Há evidência de restauro.</p>
<p>CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Pintura óleo sobre tela retangular, cores em tons baixos a base de preparação rala.</p>
<p>CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Pintura com características maneiristas, datável do século XIX, mantendo características do século anterior. Pintura narrativa e moldura rococó.</p>
<p>CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: Cena Bíblica; rocalha, acantos, rosas. A presença de elementos arquitetônicos na cena este intimamente associado.</p>
<p>OBSERVAÇÕES: Registro fotográfico realizado em abril/2013.</p>

Consta das Sagradas Escrituras:

“Naqueles dias, Maria se levantou e foi às pressas às montanhas uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo E exclamou em alta voz: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me vem esta honra de vim a mim a mãe do Senhor? Pois assim que a voz de tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu seio. Bem-aventurada és tu que creste, pois não de cumprir as coisas que da parte de Senhor te foram ditas!’ (Lc 1, 39-45).

<b>FICHA 2</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 215 cm Largura 231 cm
DESCRIÇÃO: 2º Quadro. Tela representando a Anunciação.

Fonte: Autora, 2013.
Em primeiro plano à esquerda, presença de Maria com auréola, genuflexa, um livro aberto sobre almofada; posição frontal, corpo em leve movimento, mãos cruzadas sobre o peito.




Véu branco curto, túnica branca, manguitos na cor vermelha e túnica azul. À direita Anjo Gabriel sobre nuvens, veste túnica rosa, sobretúnica azul e manto vermelho; mão direita apontando para o alto e a mão esquerda segura um ramo de açucenas. Em plano mais elevado as nuvens com querubins e no centro, uma pomba. Completando o cenário, coluna, cortinado e uma porta em tons bege e pastel. O painel ornatos recortados em rosas e folhas, rocalhas, acantos em dourado escaiolado nos tons de azul, emoldurado. (IBPC, 2004)
<b>4-ANÁLISE</b>
RESTAURAÇÕES:
CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Há evidência de restauro.
CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Pintura com características maneiristas, datável do século XIX, embora apresente elementos do século anterior. Pintura narrativa e moldura rococó.
CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: Cena Bíblica; rocalha, acantos, rosas. Tratamento clássico do tema usado desde o final da Idade Média. O lírio na mão do anjo Gabriel simboliza a pureza de Maria e José.
OBSERVAÇÕES: Registro fotográfico realizado em abril/2013.

Consta nas Sagradas Escritura:

“No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando, o anjo disse: ‘Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo.’ Pertubou-se ela com estas palavras e pôs-se a pensar no que significava semelhante saudação.

O anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor teu Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.’ Maria perguntou ao anjo: ‘Como se fará isso, pois não conheço homem?’ Respondeu-lhe o anjo: ‘O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. Também Isabel, Tua parenta, até ela concebeu um filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril. Porque a Deus nenhuma coisa é impossível.’ Então disse Maria: ‘Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra.’ E o anjo afastou-se dela.” (Lc 1, 26-38)


<b>FICHA 3</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 215 cm Largura 231 cm
DESCRIÇÃO: 3º Quadro. Tela representando a Adoração dos Pastores.

Fonte: Autora, 2013.
Menino Jesus com aréola, ao centro, deitado em manjedoura. Do lado esquerdo Maria

<p>genuflexa, com aréola na cabeça e véu curto branco; veste túnica branca, manguitos na cor vermelha e manto azul; segura as extremidades do pano sobre o qual está deitado o menino Jesus; ambos com auréola. Em primeiro plano à esquerda um pastor, cabelos longos e barba curta em genuflexão, mãos postas; veste calça, túnica vermelha; bastão apoiado no antebraço esquerdo, à sua frente no chão um chapéu. No segundo plano, camponesa pedestre com vestido nos tons verde e marrom, segura uma cesta, atrás a figura do boi. Do lado direito em primeiro plano, um pastor genuflexo cabelos e barbas curtos, veste túnica branca sobre calça vermelha e segura uma ovelha. A direita, São José cabelos longos e barba curta; genuflexo, mãos postas apóiam um bastão sobre o peito. Veste túnica cinza e manto ocre. Pastor, pedestre, com cabelos e barbas curtas, túnica branca sobre calça vermelha; na mão direita segura um bastão e na esquerda, um chapéu. Em último plano, figura de um burro. Em plano elevado envoltos em nuvens querubins e serafins segurando faixa. Complementando o cenário, colunas porta de tons cinza e pastel. Painel com ornatos recortados em rosas e folhas, rocalhas, acantos em dourado e escaiolado nos tons de azul emoldurado. (IBPC, 2004)</p>
<b>4-ANÁLISE</b>
<b>RESTAURAÇÕES:</b> Há evidência de restauro.
<b>CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:</b> Pintura a óleo sobre tela retangular, cores em tonas baixos.
<b>CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:</b> Pintura com características maneiristas, datável do século XIX, embora mantenha elementos do século anterior: pintura narrativa, moldura rococó. Cena bíblica; A indumentária não corresponde ao período histórico, notadamente as figuras masculinas. Esta livre interpretação foi comum em toda História da Arte
<b>CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:</b> Cena Bíblica; rocalha, acantos, rosas. Representação clássica com figuras inseridas em plano arquitetônico convencional, notando que as figuras masculinas não estão com indumentárias correspondentes ao período histórico. Uma livre interpretação comum na História da Arte.
<b>OBSERVAÇÕES:</b> Registro fotográfico realizado em abril/2013.

Consta nas Sagradas Escritura:

“Depois que os anjos os deixaram e voltaram para o céu, falaram os pastores uns com os outros: ‘Vamos até Belém e vejamos o que se realizou e o que o Senhor nos manifestou.’

Foram com grande pressa e acharam Maria e José, e o menino deitado na manjedoura. Vendo-o, contaram o que se lhes havia dito a respeito deste menino. Todos os que os ouviam admiravam-se das coisas que lhes contavam os pastores.” ( Lc 2, 15-18)


<b>FICHA 4</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 215 cm Largura 231 cm
DESCRIÇÃO: 4º Quadro. Tela representando a Adoração dos Reis Magos.

Fonte: Autora, 2013.

Ao centro, Nossa Senhora, com aréola na cabeça e véu curto branco, veste túnica branca, manguitos de cor vermelha e manto azul; mão esquerda sustenta a extremidade do pano sobre o qual o menino Jesus está sentado, envolto sobre um pano branco no colo dela. Do lado esquerdo um rei mago pedestre com trajes nobres; a frente de Maria um rei genuflexo em trajes nobres, com a mão direita segura o braço esquerdo do menino, no chão ao seu lado uma coroa, um cetro e uma caixa. Em último plano de pé, São José de cabelos longos e barbas curta. Veste túnica cinza e manto ocre, segura na mão direita um chapéu e esquerda um bastão. No lado direito rei mago, pedestre, com trajes nobres. Os três reis apresentam oferendas: poro, incenso e mirra. Completando as cenas, paredes, óculo, toldo, móvel, porta e soldado, em tons de marrom e bege. Painel com ornatos recortados em rosas e folhas, rocalhas, acantos em dourado e escaiolado nos tons de azul emoldurado. (IBPC, 2004)
<b>4-ANÁLISE</b>
RESTAURAÇÕES: Há evidência de possível restauro.
CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Pintura a óleo sobre tela retangular.
CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Pintura com características maneiristas, datável do século XIX, guardando elementos do século anterior: pintura narrativa e moldura rococó.
CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: Cena Bíblica; acanto, rocalha e rosas.
OBSERVAÇÕES: Registro fotográfico realizado em abril/2013.

Consta nas Sagradas Escritura:

“Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse: ‘Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiver encintrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo. ‘ Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram.

E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho.” (Mt 2, 7-12)

<b>FICHA 5</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 215 cm Largura 231 cm
DESCRIÇÃO: 5º Quadro. Tela representando a Apresentação do menino Jesus no Templo.

Fonte: Autora, 2013

Do lado esquerdo Maria, pedestre veste túnica branca, manto azul sobre a cabeça sobrepunho o véu; segura o menino Jesus nos braços; ambos com auréola. Ao lado, S. José, cabelos longos, barba curta, veste túnica cinza e manto ocre; apóia bastão no antebraço esquerdo, na mão direita uma cesta com dois pombos. Em segundo plano ao centro um balcão, com longo pano verde caindo em ponta à frente, atrás um sacerdote, com cabelos e barbas grisalhos sobre a cabeça uma mitra, túnica cinza e sobretúnica vermelha. Atrás, as tábuas da lei e um livro aberto. Em último plano um ancião, com manto cobrindo-lhe a cabeça. Em primeiro plano, a figura masculina, veste túnica cinza e manto vermelho; segura na mão direita uma vela. Completando o cenário, colunas e cortinado. No fundo céu e mantos. Tons de marrom, cinza e verde escuro. Painel com ornatos recortados em rosas e folhas, rocalhas, acentos em dourados e escaiolado nos tons de azul emoldurado. (IBPC, 2004)
<b>4-ANÁLISE</b>
RESTAURAÇÕES: Há evidência de restauro.
CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Pintura a óleo sobre tela retangular. Cores de tons baixos, moldura em talha dourada sobre bolo armênio.
CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Pintura com características clássicas, datável do século XIX, embora apresente elementos do século anterior: pintura narrativa e moldura rococó.
CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: Cena bíblica; Ressaltam-se os dois pombos na mão de São José que eram dados pelos mais pobres ao sacerdote, já que os ricos normalmente doavam animais maiores. A presença das Tábuas da Lei reforça a erudição do autor da tela, ao associar o período em que Jesus foi apresentado sob a Lei Mosaica (Lei de Moisés). Ao fundo, a adivinha que previu que Maria teria uma grande dor.
OBSERVAÇÕES: Registro fotográfico realizado em abril/2013.

Consta nas Sagradas Escritura:

“Concluído os dias da sua purificação segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentar ao Senhor, conforme o que está escrito na lei do Senhor: *‘Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor’* (Êx 13,2); e para oferecerem o sacrifício prescrito pela lei do Senhor, um par de rolas ou dois pombinhos.

Ora, havia em Jerusalém um homem chamado Simeão. Este homem, justo e piedoso, esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava nele. Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não morreria sem primeiro ver o Cristo do Senhor. Impelido pelo Espírito Santo, foi ao templo. E tendo os pais apresentado o menino Jesus, para cumprir a respeito dele os preceitos da lei, tomou-o em seus braços e louvou a Deus nestes termos: ‘Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos viram a vossa salvação que preparastes diante de todos os povos, como luz para iluminar as nações, e para a glória de vosso povo de Israel.’ ”

“Havia também uma profetisa chamada Ana, filha de Faunel, da tribo de Aser; era de idade avançada.” (Lc 2, 22-29.)

<b>FICHA 6</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 148 cm Largura 55 cm
DESCRIÇÃO: 6º Quadro. Tela representando Judite.


Fonte: Autora, 2013.



<p>Figura feminina, jovem, pedestre, cabelos longos encaracolados, sobre a cabeça touca com pena, rosto levemente voltado para à esquerda, veste túnica rosa sobretúnica azul e manto vermelho. Na mão esquerda segura uma cabeça masculina de Holofernes, à direita segura uma lança. Do Lado direito ao fundo, uma tenda em forma de cone em tons de azul e bege. Painel com ornatos em rosa e folhas, rocalhas, acantos em dourado e escaiolados nos tons de azul emoldurado. (IBPC, 2004)</p>
<p><b>4-ANÁLISE</b></p>
<p>RESTAURAÇÕES: Há evidencia de possível restauro.</p>
<p>CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Pintura a óleo sobre tela, com formato de tendência ovide. Pintura não solúvel em primeira seqüência de testes de solvência (realizado pelo IBPC em 2004).</p>
<p>CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Pintura com características maneiristas utilizadas em painéis de dimensões menores, datável do século XIX, embora guarde elementos do século anterior: pintura narrativa e moldura rococó.</p>
<p>CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: Cena bíblica; uma das sete Heroínas do Antigo Testamento e posteriormente identificada à figura de Maria. Ao degolar o rei filisteu. Judite ajudou o povo hebreu a vencer uma batalha. Judite – Ela é lembrada na Bíblia como a mulher virtuosa e valente que conseguiu vencer os inimigos dos judeus que guerreavam em Batúlia, constando a cabeça do chefe inimigo, Holofernes. Ela expusera a própria vida penetrando o acampamento dos inimigos, mas somente confia em Deus.</p>
<p>OBSERVAÇÕES: Registro fotográfico realizado em abril/2013.</p>

Consta nas Sagradas Escritura:


“Judite havia dito à sua serva que ficasse fora, diante do quarto, vigiando. De pé ao lado do leito, movendo em silêncio os lábios, ela orou com lágrimas d Deus, dizendo: ‘Senhor, Deus de Israel, daí-me força. Olhai agora o que vão fazer minhas mãos, a fim de que, segundo a vossa promessa, levanteis a vossa cidade de Jerusalém, e eu realize o que acreditei ser possível graças a vós. ‘ Dizendo isso, aproximou-se da coluna que estava à cabeceira do leito e tomou a espada que ali estava pendurada; desembainhou-a e, tomando os cabelos de Holofernes, disse: ‘Senhor, daí-me força neste momento! ‘ Feriu-o duas vezes na nuca e decapitou-lhe a cabeça. Desprendeu em seguida o cortinado das colunas, e rolou por terra o corpo mutilado. Feito isto, saiu e deu AA sua serva a cabeça de Holofernes para que a metesse no saco.” (Jt 13, 5-11)

<b>FICHA 7</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 147 cm Largura 84 cm
DESCRIÇÃO: 7º Quadro. Tela representando o menino Jesus entre os Sacerdotes no Templo.

Fonte: Autora, 2013.
Em primeiro plano, à esquerda menino Jesus pedestre, com aréola, cabelo curto, veste túnica branca e manto azul com o pé direito apoiando no degrau.. Em segundo plano, à

<p>esquerda, Maria véu curto sobre a cabeça, veste túnica cinza e manto vermelho, mão direita sobre o peito e braço esquerdo pendente com mão espalmada. Atrás São José de cabelos e barbas grisalhos. Em terceiro plano à direita de pé, um sacerdote com barba e cabelos grisalhos, mitra sobre a cabeça, veste túnica branca com larga barra bege, braços estendido para o menino. Ao seu lado esquerdo, figura masculina de túnica lilás e manto branco, segura um livro aberto na mão esquerda. Em último plano, figura masculina. Completando o cenário, coluna, escada e porta. No fundo, céu e morro. Tom cinza e marrom. Painel, ornatos em rosas e folhas rocalhas, acantos em dourado e escaiolado nos tons azul emoldurado. (IBPC, 2004)</p>
<p><b>4-ANÁLISE</b></p>
<p>RESTAURAÇÕES: Há evidência de restauro.</p>
<p>CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Pintura óleo sobre tela oblonga. Cores em tons baixos, técnica aprimorada e perfeição do domínio do óleo e pincéis.</p>
<p>CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Pintura com características maneiristas utilizadas em painéis, datável do século XIX, embora mantenha elementos do século anterior: pintura narrativa e moldura rococó.</p>
<p>CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: Cena bíblica; de forma geral esta cena citada nos Evangelhos é composta com menino Jesus sentado entre os doutores do Templo de Jerusalém. Pela presença de Maria e possivelmente José mais atrás de fato aborda esta passagem bíblica seria o posterior encontro dos filhos perdidos pelos pais.</p>
<p>OBSERVAÇÕES: Registro fotográfico realizado em abril/2013.</p>

Consta nas Sagradas Escritura:

“Três dias depois o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. Todos os que o viram, ficaram admirados. E sua mãe disse-lhe: ‘Meu filho, que nos fizeste?! ‘ Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflição.’ Respondeu-lhes ele: ‘Porque me procuráveis? Não sabeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?’ Eles porém não entenderam o que ele lhes dissera.” (Lc 2-46-50)

<b>FICHA 8</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 147 x Largura 70cm
DESCRIÇÃO: 8º Quadro. Tela representando a despedida de Cristo.

Fonte: Autora, 2013.

Cristo pedestre, cabelos longos, barba curta: túnica de cor vermelha e manto azul; segura a mão de Maria. Apresenta-se Maria, pedestre ao lado direito de Jesus: veste túnica cinza e manto azul que lhe cobre a cabeça. Na mão esquerda, Maria segura um lenço levando à face. Em plano elevado, querubins entre nuvens segura a cruz. Painel, orantos em flores, folhas e rocalhas em dourado e escaiolado em tom de azul. (IBPC, 2004)

#### **4-ANÁLISE**


**RESTAURAÇÕES:** Há evidência de restauro.

**CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:** Óleo sobre tela ovalada, oblonga. Cores em tons baixos.

**CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:** Pintura com características maneiristas utilizada em painéis de pequenas dimensões, datável do século XIX, embora mantenha elementos do século anterior: pintura narrativa e moldura rococó.

**CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:** Cena bíblica. Uma leitura iconográfica livre do autor já que o único registro do encontro de Maria e seu filho ocorre numa das quadras ao caminho do Calvário.

**OBSERVAÇÕES:** Registro fotográfico realizado em abril/2013


<b>FICHA 9</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 147 cm Largura 88 cm
DESCRIÇÃO: 9º Quadro. Tela representando o nascimento de João Batista.

Fonte: Autora, 2013.
Em primeiro plano do lado direito Maria sedente, com aréola na cabeça, segurando nos braços João Batista envolto em panos. Maria veste túnica azul e manto rosa, com véu curto

sobre a cabeça. No chão à sua frente, uma caixa forrada com panos. Ao seu lado esquerdo, figura feminina veste túnica rosa e manto azul, despeja água de um jarro em uma bacia. Lado direito de Maria outra figura feminina pedestre, com mão esquerda direcionada para o ombro de Maria. Em último plano Santa Izabel com véu curto cinza sobre a cabeça, veste túnica, encoberta por lençóis brancos e sépia. Completa o cenário cortinados e tons pastéis e cinza. Painel com ornatos em acentos recortados em rocalhas, rosas, folhas em dourado e escaiolados nos tons de azul emoldurado. (IBPC, 2004)
<b>4-ANÁLISE</b>
RESTAURAÇÕES: Há evidência de restauro.
CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Pintura a óleo sobre tela, composta de moldura entalhada pintura em escaiolada azul e dourado. Pintura do painel nas cores predominantes rosa, ocre, amarelo, branco, marrom, azul e vermelho.
CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Pintura com características maneiristas, utilizados em painéis de pequenas dimensões datável do século XIX, embora mantenha elementos do século anterior: pintura narrativa e moldura rococó.
CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: Acantos, rocalha, rosas e flores.
OBSERVAÇÕES: Registro fotográfico realizado em abril/2013

Consta nas Sagradas Escritura:

“Maria ficou com Isabel cerca de três meses. Depois voltou para sua casa. Completando-se para Isabel o tempo de dar à luz, teve um filho. Os seus vizinhos e parentes souberam que o Senhor Ihe manifestara a sua misericórdia, e congratulava-se com ela.

No oitavo mês foi circuncidar o menino e o queriam chamor pelo nome de seu pai, Zacarias. Mas sua mãe interveio: ‘Não, disse ela, ele se chamará João.’ “ (Lc 1, 56-60)

<b>FICHA 10</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 147 cm Largura 70 cm
DESCRIÇÃO: 10º Quadro. Tela representando a Assunção de Nossa Senhora.

Fonte: Autora, 2013.
Em plano elevado ao centro, Nossa Senhora com aréola sobre a cabeça, veste túnica com



mangas justas na cor vermelha, sobretúnica branca e manto azul, com ponta da túnica vermelha aparecendo à frente. Nossa Senhora está próxima à nuvem, a sua volta querubins e serafins. Em primeiro plano do lado esquerdo um sepulcro aberto. Tons pastel e azul. Painel com orantos recortados de rocalhas, rosas e folhas, acantos, dourados e escaiolados nos tons de azul emoldurado. (IBPC, 2004)
<b>4-ANÁLISE</b>
RESTAURAÇÕES: Há evidência de restauro.
CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Pintura provavelmente óleo sobre tela, composta de moldura entalhada, pintura em escalonada em azul e dourado. Na pintura cores predominante vermelho azul, ocre, marrom, cinza e branco.
CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Pintura em perspectiva que sob o ponto de vista compositivo difere dos demais quadros. Provavelmente do século XIX, cercada por moldura rococó.
CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: Representa a Assunção de Nossa Senhora levada aos céus, auxiliada por serafins e querubins. Rocalhas, rosas e acento.
OBSERVAÇÕES: Registro fotográfico realizado em abril/2013.

Consta nas Sagradas Escritura:

“Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de estrelas.” (Ap 12,1)

Segundo Pe. João S. Clá Dias, nas orações do Rosário meditamos sobre a Assunção<sup>14</sup> de Nossa Senhora:

“Maria Santíssima, cumprida sua missão nesta Terra, e toda ardente do desejo de se unir ao seu adorável Filho na eternidade, adormeceu suavemente no Senhor. Não foi a morte vestida de luto e tristeza, mas antes o amor divino, adornado de luz e alegria, que veio romper o fio de tão nobre vida. E sem que seu corpo virginal sofresse as injúrias da corrupção, também Ela ressuscitou e foi levada gloriosamente aos Céus, de onde saiu a recebê-La Jesus, com a bem-aventurada companhia dos Anjos e dos Santos.” (DIAS, 2010, p.56)

<sup>14</sup> S.f. 1.Ato ou efeito de assumir. 2.Festa católica(15 de agosto) que celebra a subida da Virgem Maria ao céu (escreve-se com inicial maiúscula). 3. Elevação a cargo ou dignidade. (RIOS, 2009, p.51)


<b>FICHA 11</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 148 cm Largura 55 cm
DESCRIÇÃO: 11º Quadro. Tela representando a Divina Pastora.

Fonte: Autora, 2013.

Figura feminina, jovem, pedestre: cabelo longo encaracolado, sobre a cabeça chapéu ornado com flores na cabeça: rosto ligeiramente inclinado para a direita. Veste túnica branca, sobretúnica e manto na cor sépia, com bolsa pendente do lado direito presa à cintura. Mão esquerda sobre o peito e braço direito pendente. Na mão segura, um bastão com extremidade ornado com flores e laços de fitas. À sua frente, ovelhas. Fundo em tons pastéis. Painel, ornatos, rosas e folhas, rocalhas, acantos em dourado e escaiolado em tons de azul emoldurado. (IBPC, 2004)

#### **4-ANÁLISE**


**RESTAURAÇÕES:** Há evidência de restauro.

**CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS:** Pintura a óleo sobre tela, cores em tons baixos. Tela oval oblonga e moldura em talha dourada.

**CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS:** Pintura com característica maneiristas utilizadas em painéis de pequenas dimensões, datável do século XIX, embora mantenha elementos do século anterior: pintura narrativa e moldura rococó.

**CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS:** Cena bíblica; Rocalha, rosas e acantos. Tema dos mais raros desde o período Paleocristão, quando os primeiros adeptos da religião vão buscar no Panteão da Mitologia Greco-Romana a figura do Bom Pastor, para associá-lo ao Filho de Deus e mais tarde, dar-lhe uma versão feminina.

**OBSERVAÇÕES:** Registro fotográfico realizado em abril/2013.

<b>FICHA 12</b>
<b>IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CACHOEIRA</b>
<b>1-LOCALIZAÇÃO DA PEÇA</b>
UF/MUNICÍPIO: BA/Cachoeira.
ENDEREÇO: Rua Ana Nery.
ACERVO: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira.
LOCAL DO PRÉDIO: Sacristia.
PROPRIETÁRIO: Arquidiocese de Salvador.
RESPONSÁVEL/ENDEREÇO: Pe. Hélio C. L. Villas Boas – Rua Ana Nery nº1-Cachoeira.
<b>2-IDENTIFICAÇÃO</b>
DESIGNAÇÃO: Cena bíblica.
ESPÉCIE: Quadro.
NATUREZA: Pintura.
ÉPOCA: Século XIX.
AUTORIA: Desconhecida.
MATERIAL/TÉCNICA: Óleo sobre tela.
ORIGEM: Desconhecida.
<b>3-PROTEÇÃO</b>
CONDIÇÕES DE SEGURANÇA: ( )Boa ( X )Razoável ( )Ruim.
ESTADO DE CONSERVAÇÃO: ( )Excelente ( X )Bom ( )Regular ( )Péssimo.
DIMENSÕES: Altura 215 cm Largura 231 cm
DESCRIÇÃO: 12º Quadro. Tela representando a circuncisão do menino Jesus.

Fonte: Autora, 2013.

<p>Ao centro, menino Jesus com aréola na cabeça, nu, deitado sobre mesa circular em forma de coluna. Do lado direito sacerdote com uma mitra na cabeça de braços e cabelos grisalhos, veste túnica branca e sobretúnica vermelha, na cintura cingula e na mão segura um bisturi. Do lado esquerdo, figura masculina véu curto na cabeça de barbas curtas, veste túnica branca e sobretúnica vermelha: segura o menino que se encontra dentro de uma bacia forrada com pano branco. Maria e José à direita pedestre: Maria com aréola sobre a cabeça, mãos postas, veste túnica branca, manguitos vermelhos e manto azul. São José com cabelos longos e barba curta, veste túnica cinza e manto ocre, na mão direita segura um bastão e chapéu. À esquerda, em primeiro plano figura masculina, jovem veste túnica branca e manto vermelho, segura na mão esquerda uma vela. Completando o cenário, colunas cortinas, nos tons pastéis de arquitetura simples. Moldura em rocalha dourada e escaiolaos azuis, incluindo, nas partes laterais cordões de folhas e rosas. (IBPC, 2004)</p>
<b>4-ANÁLISE</b>
RESTAURAÇÕES: Há evidência de restauro.
CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: Pintura a óleo sobre tela, cores de tons baixos com tela retangular.
CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS: Pintura de composição e características maneiristas, datável do século XIX, embora mantenha elementos do século anterior. Pintura narrativa e moldura rococó.
CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS: A circuncisão, ritual dos mais importantes na cultura judaica, confere ao menino à pureza de pele.
OBSERVAÇÕES: Registro fotográfico realizado em abril/2013.

Consta nas Sagradas Escritura:

“Completado que foram os oito dias para ser circuncidado o menino, foi-lhe posto o nome de Jesus, como lhe tinha chamado o anjo, antes de ser concebido no seio materno.” (Lc 2, 21)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pintura sacra do século XIX está presente na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira. Nossa pesquisa constatou que neste período, os templos religiosos eram decorados por meio de encomenda de obras de arte, estas realizadas na firmação de contrato entre o artista e as ordens religiosas que estabeleciam e ditavam o que deveria transmitir estas representações nas igrejas. Sempre eram designadas pinturas para transmitir a ideia do paraíso celeste, para catequizar os fiéis por meio da imagem visual. As obras de arte encomendadas nos séculos passados não tinham assinaturas e muitas pinturas deste tempo só poderiam confirmar autoria, mediante documentos das encomendas existentes nas ordens religiosas, mas muito destes documentos não existem mais.

Nosso trabalho evidenciou dois artistas baianos, que muito contribuíram com a pintura sacra presente em vários templos religiosos e atualmente em museus guardiões das artes sacras, que procedem de igrejas não mais existentes. Salientamos nesta pesquisa, os artistas baianos José Joaquim da Rocha e José Teófilo de Jesus, bem como a criação da Escola Baiana de Pintura.

Consideramos assim com nosso estudo que, as telas do século XIX pertencente ao acervo da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira são representações de cena bíblica. A pintura das telas interpreta os elementos citados no contexto bíblico, dando uma ideia de catequese pela imagem e, apesar de alguns estudiosos descreverem que as cenas deveriam refletir a ideia do paraíso à retratação de Judite. Segundo o artista apresentando Judite, segurando uma cabeça decapitada é um tanto chocante aos nossos olhos, mas ao mesmo tempo a pintura contorna este impacto, apresentando as cores em tons claros e a serenidade da jovem. As telas que representam a despedida de Cristo e o nascimento de João Batista, bem como a Divina Pastora são leituras iconográficas livre na visão do autor. As demais telas apresentam ligação direta com os textos das Sagradas Escrituras.

Portanto, o registro fotográfico desta coleção de telas somado à documentação museológica foi essencial, quando somamos com as análises literárias e contato direto com o objeto. Observamos o estado de conservação e constatando que existem evidências de restauro nas peças e estas já apresentam descolamento da policromia nas molduras e presença de fungos na parte inferior das telas, exatamente no local que teve contato com as águas da enchente do Rio Paraguaçu nos anos 60. Nossa pesquisa assim foi concluída com o preenchimento da ficha de registro, considerando o modelo analisado (IBPC 2004), elemento que apresenta a existência do patrimônio religioso de Cachoeira, para que este seja preservado e sirva como fonte para novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BIBLIA SAGRADA: **Antigo e Novo Testamento**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. Ed. Ver.atual. 2 ed. São Paulo: Sacedade Bíblica do Brasil, 1993, 309p.

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação museológica**. In: Caderno de diretrizes museológicas. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006, p.33-77.

CAMARGO-MORO, Fernanda de. **Museus: Aquisição/Documentação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

CAMARGO, Morgana da Silva. **A documentação museológica no museu de Cachoeira do Sul: da empiria ao método museológico (1978-2011)**. UFP/ Instituto de Ciências Humanas. Pelotas, 2011. 71 p.

CAMPOS, Maria de F. H. **Revisão à Escola Baiana de Pintura: um estudo sobre o pintor José Teófilo de Jesus**. In: Cultura Visual, n.13, maio/2010, Salvador: EDUFBA, p.25-37.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3. Ed. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006. 288p.

COELHO, Beatriz. **Devoção e Arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. 292p.

COMO GERIR UM MUSEU: **MANUAL PRÁTICO**. França: ICOM, 2004 p.46

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia** - Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus. Secretaria de Estado da Cultura, 2006. 100 p.

CUNHA, Maria José de Assunção da. **Iconografia Cristã**. Ouro Preto: UFOP/IAC, 1993. 130p.

D'ALAMBERT, Clara Correia, MONTEIRO, Maria Garrido, FERREIRA, Silvia Regina. **Conservação postura e procedimentos**. São Paulo: Secretaria de Estadual da Cultura, 1998, p.98.

D'ARAÚJO, Antônio Luiz. **Arte no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Revan, 2000, 227p.

DRUMOND, Maria Cecília de Paula. **Preservação e conservação em museus**. In: Caderno de diretrizes museológicas I. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: SEC/Superintendência de Museus, 2ª Edição, 2006. p.108 – 133.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. In: Estudos de Museologia, cadernos de ensaio nº 2. Rio de Janeiro: MINIC/IPHAN, 1994, pp.65-74.

FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil / Maria Cecília Londres Fonseca. 2. Ed. Ver. Ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Minic – Iphan. 2005. 294p.

**Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados**. Vol I. Módulo I – Recôncavo/Cachoeira-Ba. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural. 1994, p. s/n.

**Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia**. Vol.III Monumento e sítios do Recôncavo. II parte. Primeira edição. Salvador, 1982, p.29-42.

JANSON, H. W. **História geral da arte**. (adaptação e produção do texto para a edição brasileira Maurício Balthazar Leal). – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.841-1002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. pp.9-99.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico**. 5ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 2006. 115 p. (Coleção Primeiro passo; 5.)

MENDES, Marylka e BAPTISTA, Antonio Carlos Nunes. **Restauração: ciência e arte**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Iphan, 2005. p.375-407.

OTT, Carlos. **José Joaquim da Rocha**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.15, 1961.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira**. Publicação da UFBA. 82. Gráfica Universitária. Salvador – Bahia, 1978, p.5-26.



\_\_\_\_\_. **A escola Baiana de Pintura, 1764-1850.** São Paulo: MWM, 1981.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de iconologia, temas humanísticos na arte do renascimento.** Lisboa: Editorial Estampa Ltda., 1982, p.19.

\_\_\_\_\_. **Significado nas artes visuais.** Tradução Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004. p.19-87.

PASTRO, Cláudio. **A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço.** - São Paulo: Paulus, 2010. p. 68-81,112-139.

QUEIROZ, Lúcia Maria Aquino de; SOUZA, Regina Celeste de Almeida Sauza. (Coord.) **Caminhos do Recôncavo:** proposição de novos roteiros histórico-culturais para o Recôncavo baiano. Salvador: 2009. (Texto não paginado).

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa.** São Paulo: DCL, 2009.

RODRIGUES, Diogo; NUNO, Fernando. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** 2. Ed. São Paulo, 2008.

SERRÃO, Vítor. **O maneirismo e o estatuto social dos pintores portugueses.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1983, p. 50-51.